Sképsis: Revista de Filosofia
ISSN 1981-4534
Vol. XVII, N. 35, 2026, p. 1-9

NOTAS SOBRE A RECEPÇÃO DA FILOSOFIA DE NIETZSCHE NO BRASIL

Ivo da Silva Júnior
Universidade Federal de São Paulo
E-mail: isjunior@unifesp.br

Resumo: O objetivo deste artigo é o de esboçar o modo como a recepção da filosofia de Nietzsche ocorreu o Brasil, ressaltando os seus momentos mais decisivos. Para tanto, procuramos explorar certos aspectos metodológicos do trabalho de recepção, visando, com isso, a ressaltar sobretudo o significado desta recepção em específico para um contexto de formação nacional.

Palavras-chave: Nietzsche, recepção, Brasil, formação nacional, academia

Abstract: The aim of this article is to outline how Nietzsche's philosophy was received in Brazil, highlighting its most decisive moments. To this end, we seek to explore certain methodological aspects of the study of reception, with the aim of emphasizing, above all, the significance of this particular reception within the context of national formation.

Keywords: Nietzsche, Reception, Brazil, National Formation, Academia

> o influxo externo é que determina a direção do movimento; não há por ora no nosso ambiente a força necessária à invenção de doutrinas novas.
>
> Machado de Assis, A nova geração, 1879, p. 19

Nietzsche foi precocemente lido no Brasil. Ainda durante a sua vida ativa, no final do século XIX, ele já tinha leitores brasileiros no público acadêmico. No Nordeste do país, na cidade do Recife, vamos encontrar na Faculdade de Direito as primeiras referências ao filósofo, realizadas por intelectuais de grande envergadura, num contexto em que se refletia sobre a identidade brasileira, a partir de subsídios teóricos externos diversos[1].

A presença do pensamento de Nietzsche já neste momento em *Terra Brasilis* ocorreu certamente não pelo fato de o filósofo ser contemporâneo a esses intelectuais pernambucanos, mas por acaso (como, aliás, ocorre em geral com a

Este artigo teve como base um outro, publicado com o título "Nietzsche in Brazil", na revista *Sententiae* (45:1 (2026) p. 6-8). Agradecemos à revista e ao editor Oleg Khoma a autorização da publicação do texto em português.

[1] A esse respeito, ressalto os trabalhos: Pantuzzi, T. (2023). *Recepção e antropofagia. Nietzsche na Escola do Recife*. Tese de doutorado. UNIFESP; Xavier, L. (2025). *Nietzsche à margem do direito: a recepção nietzschiana entre os juristas brasileiros (1876-1937)*. Tese de doutorado. UNIFESP. Não devemos ignorar que em outras localidades brasileiras, no início do século XX, intelectuais passaram igualmente, de forma pontual, a entrar em contato com a filosofia de Nietzsche.

recepção de pensamentos quaisquer) dado que, neste final do século XIX e início do XX, a circulação do conhecimento tinha limitações de ordem material bem concreta. Não cabe, no entanto, querermos ter conhecimento do "acaso" que possibilitou a filosofia de Nietzsche aportar no Recife. Não por ser quase impossível conhecer os acontecimentos que levaram a isso, mas sim, por ser completamente sem ou de menor importância para a questão da recepção. O que nos importa é saber as razões pelas quais ocorreu a recepção de ideias novas, com a incorporação ou enraizamento social que se seguiu, num ambiente que lhes era totalmente estrangeiro; o que importa é, noutros termos, saber se essas ideias contribuíram ou não para uma outra compreensão do social ou se, até mesmo, produziram alguma nova configuração social.

Comecemos com um caso concreto para exemplificar o que acabamos de dizer, o da recepção do pensamento de Nietzsche - de aspectos dele, evidentemente - feita pelos anarquistas nas primeiras décadas do século XX. Antes, no entanto, de expor o modo pelo qual os anarquistas leram Nietzsche, cuja leitura fora marcada por uma certa incongruência, necessária por certo, da parte do receptor, escutemos a apreciação que o próprio filósofo faz nos seus textos, na fase madura de sua filosofia, sobretudo, destes atores políticos aqui em tela:

> Quando o anarquista, como porta-voz de camadas *declinantes* da sociedade, reclama com bela indignação por "direito", "justiça", "direitos iguais", com isso ele está apenas sob de sua incultura, que não sabe conceber *porque* propriamente ele sofre – *de que* ele é pobre, de vida... Um impulso causal tem potência sobre ele: alguém tem de ser o culpado por ele se sentir mal... Também a própria "bela indignação" já lhe faz bem, para todos os pobres-diabos é um contentamento xingar – dá uma pequena embriaguez de potência[2].

Ao lermos essas linhas, é inequívoco encontrar uma apreciação negativa de Nietzsche aos anarquistas. No entanto, malgrado a letra do filósofo, isso não impediu que ele tenha se tornado um arrimo importante para o movimento anarquista no século passado. Como assevera Emma Goldman, anarquista russa, no livro *A epopeia de uma anarquista*:

> Nietzsche não era um teórico político, mas um poeta, um rebelde e um inovador. Ele não era uma aristocrata de nascimento nem de fortuna, mas de espírito. A este respeito, Nietzsche era efetivamente um anarquista e todos os verdadeiros anarquistas eram aristocratas[3].

Claramente, a autora atribui um estatuto ético ao termo aristocrático, entendendo que não há, *grosso modo*, no pensamento de Nietzsche, nenhuma abordagem de ordem social ou econômica, mesmo quando um jargão político ou econômico é utilizado. Isso a permite, com relativa facilidade, recorrer a um pensador crítico do anarquismo para embasar suas posições anarquistas. Na mesma direção de Goldman, muitos outros, como Gustave Landauer, Pio Baroja e Victor

[2] Nietzsche, F. (1996). *Crepúsculo dos ídolos* In: *Nietzsche. Obras incompletas*. Trad. Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo: Nova Cultural, p. 383.

[3] Goldman, Emma (1984). *L'épopée d'une anarchiste. New York 1886-Moscou 1920*. Trad. Cathy Bernheim e Annette Lévy-Willard. Bruxelas: Ed. Complexe, p. 100.

Serge (este, um monstro da resistência), acreditam que, antes de uma luta política efetiva, que viesse a promover uma alteração de cunho social, como as revolucionárias, uma mudança de caráter moral no homem deveria anteceder, na contramão, portanto, de uma posição de cunho socialista. Noutros termos e de modo breve, uma mudança valorativa teria de preceder qualquer ação. E, para defender esse ponto de vista, a filosofia nietzschiana era de grande utilidade.

Muito dessa via tomada por esses anarquistas baseava-se sobretudo em *Assim falava Zaratustra*, sendo desconsiderados, provavelmente por desconhecimento destes autores/atores políticos, textos como o do *Crepúsculo dos ídolos* que citamos acima, onde encontramos uma crítica explícita ao anarquismo. Serge, para ficar num deles, que não era um acadêmico, mas um autodidata, tinha interesses conceituais precisos, que se associavam às suas condições materiais de trabalho (intelectual) precárias, para dizer o mínimo. Ele adere ao que entende haver no pensamento de Nietzsche, um individualismo de natureza nobre e rigorosa, embora mantenha reservas quanto a um Nietzsche que, a seu ver, defenderia uma postura dominadora e imperialista e apostaria em figuras autoritárias fortes. Mas apesar dessa tensão em sua compreensão do pensamento nietzschiano, prevalecia em suas posições um dos lados, qual seja, aquele que instiga à não submissão aos valores correntes, calcada aqui numa compreensão simplória da liberdade, que rifaria de imediato, se recorremos a Kant, um dos lados da dupla disposição originária que nos compõe, qual seja, o lado racional, que é justamente central para ser um aristocrata do espírito.

Essa compreensão da filosofia de Nietzsche realizada por anarquistas europeus e estadunidenses era também encontrada no movimento anarquista brasileiro na primeira metade do século XX. Faço apenas um pequeno apontamento que bem pode confirmar essa afirmação: Costa Iscar, anarquista individualista espanhol, tradutor de textos de Victor Serge, viveu em Barcelona e Paris antes de partir para o Brasil e a Argentina.

Esse caso concreto em torno da recepção da filosofia nietzschiana entre os anarquistas, europeus sobretudo, pode auxiliar-nos na ilustração disto que consideramos ser efetivamente um trabalho de recepção – filosófica, no caso – e a complexidade para analisá-la, mesmo quando o objeto de estudo está bem circunscrito. Complexidade esta que demanda uma avaliação de caso a caso, pois as vias receptoras são as mais tortuosas possíveis, em geral sem grande coerência em relação ao objeto observado no seu *locus* de proveniência.

Estes desencontros entre a letra do autor e a maneira pela qual ela passa a ser compreendida parecem ser a marca da recepção propriamente dita, em que o objeto "em si", por assim dizermos, se distancia em maior ou menor medida da maneira pela qual ele é recepcionado, pois, para ficarmos no caso da filosofia nietzschiana, os seus conceitos estariam *necessariamente* muito bem "adequados à história europeia e muito explícitos nos seus pressupostos nela enraizados"[4] e não à história brasileira – afinal, as ideias seriam produzidas socialmente. À parte sermos caudatários da cultura ocidental, a história brasileira do período em que a filosofia de Nietzsche se constrói é radicalmente diversa daquela na qual Nietzsche estava inserido. Ou seja, os objetivos centrais da filosofia nietzschiana, para dizer o óbvio, não correspondiam, direta ou indiretamente, à cultura e às questões e/ou aos problemas brasileiros. Assim, para insistirmos numa obviedade, a matéria com a qual o filósofo trabalhava era outra, totalmente diversa da nossa. Contudo, mesmo as ideias tendo uma produção social, ao serem recepcionadas, elas podem produzir

[4] Schwarz, Roberto (2019). *Seja como for. Entrevistas, retratos e documentos*. São Paulo: Duas Cidades, Editora 34, p. 140. A citação está num contexto em que a filosofia de Nietzsche não é o objeto de discussão no livro de Schwarz. Tomamos apenas a ideia presente no trecho citato, num outro contexto, para enfatizar o que aqui nos interessa.

um preenchimento de lacunas de processos sociais carentes de elementos autóctones, e que serão supridos com a chegada de novos conceitos ou léxicos, malgrado todo anacronismo que pode ser promovido[5].

No caso da filosofia de Nietzsche, talvez possamos supor que a variegada estilística da obra nietzschiana tenha contribuído para uma recepção *partout ailleurs* mais "descompromissada". Ainda mais: a falta da aparente tecnicidade dos textos, a forma aforismática de muitos livros e fragmentária dos escritos póstumos e o tardio estabelecimento do *corpus nietzschiano*, parecem ter favorecido uma apreensão mais livre do discurso filosófico de Nietzsche. Nesse sentido, talvez possamos dizer que são, sobremaneira, as ideias tomadas *isoladamente* dos textos, fora de contexto, portanto, que contribuem para as apropriações as mais díspares que a filosofia de Nietzsche sofreu. A falta de um conhecimento mais sistemático da filosofia de Nietzsche pode então ter decorrido da inexistência ou dificuldade em se obter os textos eles mesmos (já que a obra de Nietzsche foi se "completando" no tempo[6]) ou mesmo da crença de que o conhecimento do conjunto da obra não é requerido. De qualquer forma, a especificidade da letra do filósofo apenas intensificou algo que ocorreria naturalmente.

Quando da recepção da filosofia de Nietzsche ao Brasil, que ocorreu nos meios os mais abastados e ilustrados, como apontamos acima, mas também, logo em seguida, entre uma vanguarda política (como no caso concreto que trouxemos), lacunas certamente precisavam ser preenchidas, dada a formação brasileira estar ainda incompleta. Assim, se uma ideia pode chegar inadvertidamente, totalmente por acaso, sua permanência depende de um contexto social preciso, carente de ideias que contribuam para desvelar o social, para mais bem compreendê-lo ou ratificá-lo, de modo que, todo e qualquer anacronismo acaba por ser suplantado, aclimatando as ideias recém-chegadas ao permitir uma pregnância cultural àquilo que lhe é estranho. Nessa direção, quando olhamos de perto as carências conceituais e lexicais dos autores da Escola de Recife, no ramo do direito, podemos identificar precisamente as lacunas que foram preenchidas com os conceitos e léxicos nietzschianos[7].

Para trazermos um exemplo derradeiro, historicamente mais recente: um aparato conceitual libertário era necessário durante o período ditatorial que se iniciou em 64. A partir de 68, podemos dizer que a filosofia nietzschiana ficou à

---

[5] Cf. Heller, Agnes (1983). *A filosofia radical*. Trad. Carlos Nelson Coutinho. São Paulo: Brasiliense, em particular o segundo capítulo. Esquematizemos a ideia de recepção com a qual estamos trabalhando: a recepção se modula segundo essas necessidades, podendo se completa ou incompleta. A recepção na totalidade ou em termos de um pensamento tem, podemos inferir, o objetivo de preencher certo carecimento de sentido ou de compreensão próprios da vida humana. Assim, trabalhando com uma ideia de recepção ampliada, na qual uma determinada filosofia pode ser apropriada e considerada em sua totalidade, com o agir, o pensar e o viver contemplados (recepção completa, na terminologia de Heller), ou apropriada em partes, com ênfase em apenas um dos três elementos que proporcionam a objetivação filosófica (recepção parcial), a autora entende que, no geral, a recepção não pode levar à objetivação filosófica, mas apenas a *apropriações* as mais diversas de um pensamento filosófico. Exemplos efetivos de preenchimento de lacunas lexicais foram bem apontados no trabalho de Dias, Geraldo (2019). A recepção de Nietzsche no Brasil: renovação e conservadorismo. Tese de Doutorado. EFLCH, Universidade Federal de São Paulo, Guarulhos.

[6] A esse respeito, ver Fornazari, Cristina (2019). *Uma aventura de mais de um século. A história das edições de Nietzsche*. Trad. Maria Elisa Bifano. São Paulo: Editora UNIFESP/GEN (Grupo de Estudos Nietzsche).

[7] Cf. o trabalho de Felipe Xavier (*ibidem*), que apontará os subsídios trazidos pela filosofia nietzschiana para o ramo do direito, isto é, para a construção de uma normatização legal no Brasil.

disposição para preencher essa lacuna conceitual/existencial. Não como transposição direta, evidentemente, mas talvez como fina manta conceitual que faltava para nomear, ou encorajar, as contradições internas que ainda não tinham o seu nome, malgrado sua efetividade. Exemplos diversos não faltam, sobretudo no ramo das artes.

Não há, portanto, nenhum problema que as ideias viagem ao léu, mas, como são sempre produzidas socialmente, imaginar que elas vão encontrar uma similitude de situação alhures, seria, no mínimo, uma falta de bom senso. Ou seja: se o anarquismo era rechaçado pelo filósofo, um outro sentido a ele foi atribuído, no caso, curiosamente, a partir de elementos outros da filosofia que o rechaçava. Dessa perspectiva, um conceito pode ter um sentido positivo em Nietzsche e negativo alhures e vice-versa. Ao serem enraizados em contextos diversos daquele no qual se produziram, os conceitos ou léxicos mudariam naturalmente de rumo[8].

Isto dito, podemos ver que, na recepção, existe uma relação assimétrica que é posta, pois há um polo que fornece, em primeira mão, os conceitos/ideias e léxicos, trazendo, imediatamente, para essa relação uma dimensão política hierarquizadora. Ao mesmo tempo que a recepção de ideias - que serão transformadas, é bem verdade - permite que o receptor avance nos seus intentos, transformando-se, resta um grau de subordinação da parte do receptor, que seriam fruto das "contradições do subdesenvolvimento"[9]. Tratar de recepção dos conceitos/ideias e léxicos, não deixa de ser, portanto, tratar das relações entre nações, do estrangeiro e do nacional, do desenvolvido e do subdesenvolvido, do produtor de ideias e do "alienado cultural", do atrasado e do atualizado[10]. Nesse caso, o pior que pode ocorrer (no caso do receptor) é escamotear o desajuste, a desigualdade, a diferença, estabelecendo uma homogeneidade, subordinando-se de fato, ao invés de realizar uma real incorporação transformadora. Ou ainda de se apegar ao nacional como repúdio ao influxo externo, correndo o risco de naturalizar a falta, mantendo, portanto, as lacunas enquanto tais. Dito de outro modo, perenizando uma formação inacabada.

Assinalemos então a diferença existente da nossa recepção da filosofia de Nietzsche no Brasil e aquela que ocorre num enquadramento entre países com um mesmo nível socioeconômico, como os Estados Unidos, Japão ou França. No caso francês, por exemplo, a recepção do pensamento de Nietzsche é particular, pois o país ele mesmo foi objeto de crítica do filósofo. Mas, tardiamente, com os pensadores de 68, essa recepção teve um papel importante, que valeria a pena ser explorado no pormenor. De toda forma, num nível mais superficial, poderíamos dizer que, entre esses países centrais, a recepção não desequilibra a balança sociocultural como ocorre em países periféricos.

No caso brasileiro, este desiquilíbrio fica evidente quando olhamos um pouco mais de perto a recepção da filosofia de Nietzsche que ocorre no final do século XIX e no primeiro quadrante do século XX. Na sequência desta primeiríssima recepção, o pensamento de Nietzsche passa a ser, de um lado, amplamente conhecido em todo país, mas sobretudo em círculos restritos, ilustrados, da nascente burguesia nacional, que tinha contato estreito e constante com alguns países europeus, em particular a França e a Alemanha, e, de outro lado, ganha espaço na seara política. É neste momento, que vamos encontrar grande impacto do pensamento de Nietzsche - ou talvez, possamos dizer, uma recepção num grau mais exponencializado - entre literatos, principalmente entre aqueles que foram os responsáveis pelo modernismo brasileiro, que visavam a dar um passo efetivo na formação cultural do Brasil, como forma de fornecer traços identitários

[8] Uma abordagem interessante para bem compreender esse ponto seria explorá-lo a partir de uma concepção antropofágica. A esse respeito ver Pantuzzi, T. (2023). *Ibidem.*
[9] Schwarz, Roberto, *idem*, p. 20.
[10] *Ibidem*, p. 20 e p.18.

bem definidos a um país recém independente de Portugal. Essa ancoragem na sociedade brasileira se deu na literatura (sobretudo com os modernistas, como em Mário de Andrade), mas também em ensaios de formação (no campo da sociologia, com Paulo Prado, Sérgio Buarque de Holanda e Gilberto Freyre), e na política (em grande medida com os anarquistas e com o integralismo)[11], ganhando todas as regiões do Brasil, inclusive as mais remotas (como a amazônica, onde encontramos a influência de Nietzsche em autores regionais de importância local, como em Dalcídio Jurandir[12], ou em contextos político específico no Sul do país[13]). Aos poucos, o conhecimento do nome e do pensamento de Nietzsche começa a se popularizar, tendo presença até mesmo na propaganda a mais banal possível: embalagens de produtos, de remédios, publicidade circenses etc. Nesta etapa da recepção, fica evidente então que o referido desiquilíbrio se mantém ao proporcionar um preenchimento das lacunas nacionais, que nãos se daria sem um forte um influxo externo dos elementos conceituais.

Isto posto, vemos que, para que cada momento da recepção do pensamento de Nietzsche seja bem descrito, o seu processo dialético teria de ser devidamente recenseado e o desajuste identificado bem circunscrito, de modo que possamos ver se algum fruto modernista temporão se produziu (o que ocorreu no mais das vezes) ou se houve ou há apenas um mero divertimento, de intentos ideológicos, para nos distrair do essencial, ou seja, da matéria brasileira, para utilizar uma expressão de Roberto Schwarz. O que impediria uma recepção de ocorrer poderia ser a inexistência de carências (conceituais ou lexicais), o que não é o caso, como não o é em geral nos demais países, haja vista que sempre há carências - a diferença está, por certo, em ser centro ou periferia, isto é, o impacto da recepção está no desnivelamento entre receptor e produtor. A recepção não é assim, como já dissemos, um problema; a incorporação de ideias alheias são bem-vindas, desde que não resulte num apego cego a uma suposta verdade revelada, ou seja, desde que as ideias sejam devidamente climatizadas. E isso parece ter se passado entre nós no que tange à filosofia de Nietzsche.

Se a filosofia de Nietzsche serviu para que lacunas fossem preenchidas, no caso brasileiro, contribuindo a seu modo, até meados do século XX, para uma certa completude da formação nacional, temos então de nos perguntar pela maneira que se formatou a recepção do pensamento nietzschiano na segundo metade do século passado, quando essa "formação" nacional *supostamente* já teria se "completado". Num rápido apontamento, poderíamos dizer que, doravante, numa segunda etapa da recepção, sem a função que tivera inicialmente, com o preenchimento de lacunas proveniente de carências conceituais ou lexicais, num contexto formativo, a recepção se arrefeceu, se dando então de forma marginal, pois a filosofia nietzschiana saiu do espaço público e ganhou lugar sobretudo os espaços acadêmicos, e, em particular, os departamentos de filosofia. E esse influxo reconfigurou pela base a recepção de Nietzche no Brasil.

Como requisito prévio, absolutamente necessário, para a entrada no meio acadêmico, já que fora dele não tinha mais função, ao menos uma necessidade premente a ser satisfeita, neste momento no Brasil - pensamentos aqui na segunda metade do século passado em diante -, mas também alhures, houve um trabalho

[11] Cf. Dias, Geraldo. (2023). *Nietzsche no Brasil (1922-1975). Modernistas e Intérpretes do País*. São Paulo: Editora UNIFESP/GEN (Grupo de Estudos Nietzsche).

[12] A esse respeito ver Chagas, Oclécio. (2023). *O niilismo na Amazônia: a recepção da filosofia de Nietzsche nos romances de Dalcídio Jurandir*. São Paulo: Editora UNIFESP/GEN (Grupo de Estudos Nietzsche).

[13] Rubira, Luís. Nietzsche no Brasil (1933-1943): Da ascensão do nacional-socialismo ao Grande Reich Alemão. In: *Cadernos Nietzsche*. 37 (3), out-dez 2016, pp. 18-64.

necessário de desnazificação da figura de Nietzsche, já que a pecha nazista lhe fora incutido no contexto da segunda Guerra Mundial, numa recepção alemã que bem soube se apropriar da letra de Nietzsche para fins dos extremismos de direita. Observemos, *en passant*, que, esta pecha não era um real problema para a primeira recepção. Nesse quesito, em solo nacional, importantes nomes no cenário brasileiro contribuíram para tal empreendimento de desnazificação. Os trabalhos de Antonio Candido e Florestan Fernandes podem ser citados como exemplo[14].

Inicialmente, essa nova fase da recepção, cuja função passou a ser a profissionalização acadêmica, não deixou de estar na mesma chave do desiquilíbrio acima referido. Nesse âmbito acadêmico, as lacunas ali existentes - que eram, como já dissemos, de caráter completamente diversas daquelas de ordem da formação nacional - também foram preenchidas a partir de uma literatura externa, cujo acesso não se dava menos ao "acaso" como outrora, embora num formato totalmente outro, evidentemente (no caso, um "acaso" proveniente da maneira pela qual a formação acadêmica brasileira se construiu)[15]. Assim, recepcionamos, sem mais, as intepretações, aclimatadas em seus países de origem, de pensadores franceses e alemães, sobretudo, notadamente as de Deleuze, Foucault e Heidegger, mas também, um pouco mais tardiamente, trabalhos de língua inglesa

Começando a romper esse processo, com uma recepção de primeira mão, não a partir de um influxo totalmente externo, temos, no final da década de oitenta o trabalho que traz um verdadeiro influxo em relação ao que se produzia alhures, com uma interpretação que se descola das leituras a partir de um viés externo: *Nietzsche, das forças cósmicas aos valores humanos*, de Scarlett Marton[16]. Hoje em dia, no meio acadêmico, a profusão de trabalhos sobre a filosofia de Nietzsche é enorme, com estudos de grande valor analítico. Ainda mais, os estudos nietzschianos estão organizados em torno do Grupo de Trabalho Nietzsche, que faz parte da Associação Nacional de Filosofia. Há também inúmeros Grupos de Estudos, que mantém periódicos e coleções de livros sobre Nietzsche[17]. Todo esse trabalho preenche, em

---

[14] Candido, Antonio. O portador. In: *Cadernos Nietzsche*, v. 32, 2013, pp. 13-22; Fernandes, Florestan. Nota sôbre Frederico Nietzsche. *Folha da Manhã*, São Paulo, 19 out. 1944. Para tanto, foram fundamentais também as traduções das obras que começaram a vir a público, com destaque para o volume das obras incompletas de Nietzsche, publicada numa coleção intitulada "Os Pensadores". Sobre a recepção história de Nietzsche, ver ainda Marton, Scarlett. 2000. "Nietzsche in Brasilien". *Nietzsche-Studien* 29: 269-376.

[15] Há, no entanto, algo que caracteriza a recepção e a diferencia de outras aproximações que podemos fazer de um pensamento, como aquela, por exemplo, que encontramos nos trabalhos especializados em filosofia realizados comumente nos meios acadêmicos. A este respeito, Agnes Heller esclarece: "[p]ara a filosofia "especializada", como também para muitas outras disciplinas, a filosofia não é mais do que "material científico" (...) os especialistas que se aproximam da filosofia como se se tratasse de uma ciência não podem ser designados como "filósofos". A "confusão" entre especialistas e filósofos é, na realidade, tão somente expressão da subordinação da filosofia à divisão do trabalho, e a filosofia, por sua essência, não é um *setor* do saber, nem uma profissão (Heller, 1983, p.33-34). Por extensão, entende-se que um trabalho de recepção não pode ser entendido a partir de um quadro acadêmico em que se realizam no mais das vezes trabalhos em história da filosofia. A recepção filosófica tampouco se confunde com a filosofia. Novamente, nas palavras de Heller, dessa vez sobre a diferenciação entre a objetivação (ou a efetivação, se se quiser) da filosofia e a recepção: "As objetivações filosóficas incitam o receptor a refletir sobre o modo como deve pensar, como deve agir, como deve viver. No interior do edifício filosófico, esses três momentos são unidos e inseparáveis; na recepção, ao contrário, é *possível* a sua relativa separação. E, indubitavelmente, a recepção da filosofia é tão múltipla quanto o número de receptores" (Heller, 1983, p.33).

[16] Marton, S. (2010). *Nietzsche, das forças cósmicas aos valores humanos*. 3ª. ed. Belo Horizonte: Ed. UFMG.

[17] No âmbito do Grupo de Trabalho Nietzsche, ressalto as publicações *Cadernos Nietzsche* (https://www.scielo.br/j/cniet/) e *Estudos Nietzsche*

grande medida, as lacunas nos estudos nietzschianos especializado. É, por evidência, como já deixamos entrevisto, de relativo impacto social. Ou talvez possamos calibrar melhor essa nossa afirmação, contemporizando, e afirmar que essa nova forma da recepção está em pleno acordo com as carências atuais, que são particulares e não mais nacionais: os trabalhos se realizam, então, notadamente sob a égide da História da Filosofia, sob o rígido figurino francês ou não, trabalhando temáticas cujo interesse não se vincula mais a um alvo nacional, como ocorria em grande medida na primeira recepção, mas a particularidades as mais diversas. Os temas são, portanto, variados, tratados sempre a partir de um diálogo com a pesquisa da filosofia de Nietzsche realizada no Brasil e no exterior. Poderíamos dizer que a recepção se profissionalizou, perdendo a função que tivera inicialmente[18].

*

No dossiê publicado na *revista Sententiae* (45:1 (2026)), apresentávamos textos que abordavam a primeira recepção da filosofia de Nietzsche, assim com as temáticas atuais na pesquisa Nietzsche, como a ética, a linguagem, a lógica. Aqui, de forma reduzida, seguem, na sequência, apenas alguns desses trabalhos, para ilustrar, mesmo que diminutamente, as linhas de pesquisa atuais sobre o pensamento do filósofo alemão no Brasil.

Referências

Candido, Antonio. O portador. In: *Cadernos Nietzsche*, v. 32, 2013, pp. 13-22.

Chagas, O. (2023). *O niilismo na Amazônia: a recepção da filosofia de Nietzsche nos romances de Dalcídio Jurandir*. São Paulo: Editora UNIFESP/GEN (Grupo de Estudos Nietzsche).

Dias, G. (2023). *Nietzsche no Brasil (1922-1975). Modernistas e Intérpretes do País*. São Paulo: Editora UNIFESP/GEN (Grupo de Estudos Nietzsche).

Dias, G. (2024). *Nietzsche no Brasil (1892-1945)*. Paraná: CRV.

Fernandes, Florestan. Nota sôbre Frederico Nietzsche. *Folha da Manhã*, São Paulo, 19 out. 1944.

(https://periodicos.ufes.br/estudosnietzsche). Quanto aos Grupos de Estudos, faço referência a apenas alguns, mais estruturados, como o GEN – Grupo de estudos Nietzsche, fundado em 1996, com ramificações estaduais, responsável pela publicação sobre Nietzsche no Brasil, os *Cadernos Nietzsche* e por uma coleção de livros; Grupo Estudos Nietzsche UFMG, dentre outros. No que diz respeito aos estudos da recepção da filosofia de Nietzsche, cito o Cenbra – Centro de Estudos Nietzsche – recepção no Brasil.

[18] Para trazer alguns trabalhos sobre essa segunda recepção, podemos nos referir aos trabalhos de Scarlett Marton, que tem repertoriado as leituras contemporâneas de Nietzsche realizados em diversos países, com o objetivo de bem situar num contexto mais amplo a recepção brasileira atual. Para citar alguns desses livros: Marton, S. (2010). *Nietzsche, seus leitores e suas leituras*. São Paulo: Barcarolla; Marton (2009). *Nietzsche, um "francês" entre franceses*. São Paulo: Barcarolla, Discurso Editorial; Marton, S. (2007). *Nietzsche, pensador mediterrâneo. A recepção italiana*. Ijuí, São Paulo: Editora Unijuí, Discurso Editorial; Marton, S. (2006). *Nietzsche abaixo do Equador. A recepção na América do Sul*. Ijuí, São Paulo: Editora Unijuí, Discurso Editorial.

Fornazari, Cristina (2019). *Uma aventura de mais de um século. A história das edições de Nietzsche*. Trad. Maria Elisa Bifano. São Paulo: Editora UNIFESP/GEN (Grupo de Estudos Nietzsche).

Goldman, Emma (1984). *L'épopée d'une anarchiste. New York 1886-Moscou 1920*. Trad. Cathy Bernheim e Annette Lévy-Willard. Bruxelas: Ed. Complexe.

Heller, Agnes (1983). *A filosofia radical*. Trad. Carlos Nelson Coutinho. São Paulo: Brasiliense.

Marton, S. (2000). Nietzsche in Brasilien. In: *Nietzsche-Studien* 29, p. 369-376.

Marton, S. (2007). *Nietzsche, pensador mediterrâneo. A recepção italiana*. Ijuí, São Paulo: Editora Unijuí, Discurso Editorial.

Marton, S. (2006). *Nietzsche abaixo do Equador. A recepção na América do Sul*. Ijuí, São Paulo: Editora Unijuí, Discurso Editorial.

Marton (2009). *Nietzsche, um "francês" entre franceses*. São Paulo: Barcarolla.

Marton, S. (2010). *Nietzsche, das forças cósmicas aos valores humanos*. 3ª. ed. Belo Horizonte: Ed. UFMG.

Marton, S. (2010). *Nietzsche, seus leitores e suas leituras*. São Paulo: Barcarolla.

Nietzsche, F. (1996). Nietzsche. Obras incompletas. Trad. Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo: Nova Cultural.

Pantuzzi, T. (2023). *Recepção e antropofagia. Nietzsche na Escola do Recife*. Tese de doutorado. Unifesp.

Rubira, L. (2016). Nietzsche no Brasil (1933-1943). Da ascensão do nacional-socialismo ao Grande Reich Alemão. In: *Cadernos Nietzsche* 37 (3), p. 18-64.

Schwarz, Roberto (2019). *Seja como for. Entrevistas, retratos e documentos*. São Paulo: Duas Cidades, Editora 34.

Xavier, L. (2025). *Nietzsche à margem do direito: a recepção nietzschiana entre os juristas brasileiros (1876-1937)*. Tese de doutorado. UNIFESP.